

de estrutura pra acelerar. O brasileiro já tem essa vocação empreendedora, né? Ele quer ter seu negócio, ele quer entregar no aplicativo, ele quer montar, fazer sua lojinha de bolo. Então ele já tem, eu fiz uma pesquisa na época, mais de 70% dos beneficiários do Bolsa Família tinham algum tipo de renda informal. Vamos manter o Bolsa Família? Vamos, sagrado, conquista. Política de Estado que funciona é pra ser preservada e aprimorada. Mas vamos agora nos orgulhar de quantas famílias cresceram, montaram seu negócio, prosperaram, começou a comprar um carro, começou a comprar geladeira. Então é esse, a continuidade do Pix é justamente a gente dar esse motor de oportunidade para as pessoas.

CM: Você falou em Banco Central, quase termina a entrevista sem lhe perguntar. Eu dei uma nota, até fiz um comentário que bombou na internet, falando de uma relação civilizada com o Gabriel Galípolo. que vai ser presidente do Banco Central até dia 31 de dezembro de 2028, bem diferente das agruras que o Campos Neto enfrentou. Como é que você vê o presidente do Banco Central?

DM: Eu tenho respeito enorme por ele. Acho que manteve... essa independência foi um avanço institucional importante para manter a estabilidade econômica agora, senão já tinha desencorajado. As decisões são pautadas pela técnica, são transparentes tecnicamente, né, por quê? E justamente o Banco Central está sozinho hoje com esse juro tão alto porque o governo não está fazendo o trabalho dele no controle das contas. E se o Banco Central baixar os juros na marretada, como alguns querem fazer, o que dispara é a inflação, e o pobre sabe. Não tem imposto maior para pobre do que a inflação. Então, economia é uma ciência, não é ideologia. Então eu acho que ele conseguiu, apesar de ter sido instigado a fugir da atuação técnica, eu tenho um respeito enorme, e isso é importante institucionalmente para o Brasil, que ele tenha uma atuação pautada na técnica, e assim será.

CM: A relação civilizada chegando à liberdade e, sobretudo, à autonomia do Banco Central. Eu queria lhe agradecer muito a entrevista. Eu acho que nós temos um elo comum, que é o fato de o Correio da Manhã ter o Correio Sul Fluminense, você é de Barra Mansa.



Magnavita presenteou Daniella com a biografia de Niomar Muniz Bittencourt, que presidiu o Correio da Manhã

Eu queria falar, vou falar do livro, mas eu queria que você falasse da mulher. Eu queria que você falasse da mulher, da garotinha de Barra Mansa, que hoje tem a chance de ter essa atuação nacional. Eu gostaria muito de mergulhar agora nessa imagem da garotinha que sai de 11 anos de idade... Aliás, a idade do seu filho, você sai de Barra Mansa praticamente com a mesma idade do seu filho. Me fala um pouco dessa visão sua como garotinha de Barra Mansa, em olhar, estar aqui sentado dando uma entrevista, falando para o Brasil, com a responsabilidade que sai de... gerir e colocar novamente em prática tudo o que foi feito nos últimos quatro anos do governo Bolsonaro. Eu queria essa visão sua, principalmente nesse olhar do Sul Fluminense, porque Barra Mansa tem uma cultura muito especial, porque Volta Redonda e Barra Mansa, a identidade... Dá orgulho pro Rio, né? Pro interior do Rio ver um município conhecer a projeção e essa responsabilidade histórica.

DM: O que eu posso dizer para as mulheres, principalmente, é assim: a sua origem não determina o seu destino, né? Sonhar pequeno, sonhar grande tem o mesmo custo, né? Então eu falo que parte da minha motivação agora de servir é que as pessoas merecem voltar a sonhar. Quero que elas sonhem grande e, assim, o que a gente quer para os brasileiros, assim como o que eu quero para os meus filhos — tenho um de um ano e meio também, que é um milagre, foi aos 45 anos — é: você cria seus filhos pra quê? Pra ter propósito, se educar, crescer e voar sozinhos. Você não quer que esteja com 40 anos, 50, morando com uma

mãe. Então a gente quer fazer um governo marcado não por preservar as pessoas numa prisão de assistência, e sim que elas realizem esses sonhos e voem alto, né?

CM: Mas quem tem o pai, o pai, o gerente geral da Caixa, do Banco do Brasil, que sai lá de baixo... a gente tem exemplos, tem de casa, né, desse crescimento profissional. Em base familiar e de fé, né?

DM: Eu sou muito católica, com meus escapulários aqui me protegendo. Porque a fé é a base de tudo, né? Você fala, como eu cheguei na reza também, as minhas promessas... Essa menina de Barra Mansa, que era ousada, então assim, eu não tinha freio pro que eu pensava, e eu fazia umas promessas ousadas.

CM: Você falou que teve colega do catecismo, né? Então você seguiu todo o ritual.

DM: Fiquei catecismo, casei na igreja agora, então meus filhos foram batizados na Igreja Católica. Então eu acho que a fé é a sua base essencial, senão a gente é uma mosca no caos, né? Independente de qual religião você tem, mas acho que a fé ancora muito, e pra Deus nada é impossível. Então eu era muito ousada, assim, de sonhos, de pensamento. Eu escrevia as minhas intenções e botava no papel, sempre coloquei e continuo colocando. Eu falava: Eu quero ter um milhão de dólares, eu quero ter isso. E eu conquistei, materializei, por isso eu tenho um senso tão grande de retribuir, porque eu vejo as pessoas... a Magnavita perderam a fé um pouco nas lideranças. Você vê muita gente indo pra vida pública pra se servir. A vida pública, você vai lá pra ser funcionário público, né, e servir ao coletivo. Você não vai lá pra

ficar rico. Você vai ficar rico se tem que produzir alguma coisa e conquistar na via privada. Então eu tenho feito agora todo esse sacrifício, eu tenho vontade de servir pra gente resgatar essa essência, deixar um legado pro Brasil, pros meus filhos, de mudança e de inspiração, de que as pessoas não precisam ficar presas no pequeno, né? E cabe ao Estado ser o motor de capacidade, de desenvolver, de encorajar, de estimular. Então isso, mulheres principalmente, são sobre-carregadas, cuida de filho, cuida de casa, cuida de idoso. Então você equilibrar tempo e mostrar que uma mulher de sucesso, ela pode conseguir. Equilibrar e conquistar, mas o Estado tem que prover algumas coisas também de apoio. Então, se a gente tem um milhão de crianças esperando vaga de creche, um milhão de mães não podem trabalhar, né? Eu tô aqui com você hoje porque tem alguém me ajudando em casa, minha mãe tá aí, aliás, me ajudando na minha campanha, porque eu tô trabalhando num ritmo intenso. Então, o Estado tem que ser um desenvolvedor de capacitar, de capacidades e não aprisionar as pessoas num medo, né? De: 'Não, eu não quero voar sozinha porque eu tenho medo de voltar a passar fome, de alguma coisa estar errada.' Por isso a gente tem colocado algumas coisas assim também, de: 'Olha, o seu cadastro tá aqui garantido, vai. Se alguma coisa der errado, você volta, vai estar aqui, mas vai mais, né?' E isso... E o Brasil tem essa gana, né? O Brasil é guerreiro, ele é bem-humorado, ele não tem preconceito.

CM: Bom, Dani, muito obrigado. É importante mostrar esse lado humano, sobretudo fazer jornalismo direito, ou seja, uma entrevista que você mostra exa-

tamente o lado humano das pessoas, mas sobretudo você mostra que existem pessoas que estão querendo servir o Estado, servir a população e, de uma certa forma, como Paulo Guedes, que eu admiro muito o ministro Paulo Guedes, eu acho que a história ainda vai reconhecer ainda mais o que ele fez, porque é uma pessoa que perdeu dinheiro, a mulher também perdeu, poder trabalhar para o serviço público, mas sobretudo para construir um futuro melhor pra você agora, em dose dupla, com um filho bebê.

DM: E acho que a semente tanto do presidente Bolsonaro, que eu convivi, é uma das pessoas mais íntegras, ou a mais íntegra que eu já conheci de... Pureza de pensamento e vontade de ajudar. Para mim, esse aprendizado de Brasil Real veio dele, tanto ele quanto o municipal Guedes deixaram sementes. Então a gente tá disseminando essas sementes, o Flávio, eu, o Adolfo Saxida, um pedaço do time, eu chamo da corrente do bem, isso. Cláudio Lottenberg, veio o Adriano Pires, aí vai um contagiando o outro, você fala: Pô, a gente vai mudar o Brasil. E agora, sim, tá um arrasto de gente se alistando pra servir, como eu falo, e tá com o Flávio Bolsonaro nessa missão dele, eu tenho certeza que vai dar certo.

CM: E o Flávio tem um componente de ponderação que é muito importante. Eu até brinco, Antônio Carlos Magalhães tinha no Luiz Eduardo um filho que falava com todas as correntes, que fazia o diálogo, e o Antônio Carlos tinha muita reverência a essa força do Luiz Eduardo, como o presidente Bolsonaro sempre. E foi muito importante essas ponderações do Flávio durante o governo do pai, porque ele conseguiu manter um canal de diálogo, que o Brasil precisa acabar com essa polarização. O Brasil precisa ter paz, né?

DM: Precisa ter paz. Não há ambiente econômico de crescimento se a gente não tiver uma paz institucional e voltar pra normalidade. E um governo que não atrapalhe o empreendedor. E mudar de governo significa a gente voltar pra uma normalidade e sair desse estado policialesco que a gente tá.